



# GNOSE

## IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha  
Patriarca: Tonapa



ANO VII - Nº. 77

Arcanjo da Estação Inverno: Gabriel

Agosto 2009

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.  
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: [fraternitas@fra.org.br](mailto:fraternitas@fra.org.br)

## A VOZ DO PATRIARCA

### América, Berço da Civilização

**P**or mais de uma vez, baseado na interpretação de várias inscrições rupestres, insculpidos em grandes números de rochedos existentes no território americano e, bem assim, firmado no estudo, na minuciosa análise de provas fornecidas por modernas investigações procedidas em inúmeros escombros arqueológicos, ruínas antiqüíssimas de monumentos atribuídos aos toltecas, astecas, mayas, incas etc. tenho aludido à opinião de epigrafistas e arqueólogos que não vacilam em colocar, na América o continente mais antigo, “primeiro a emergir do pélago universal”, como Lumd demonstrou, geologicamente, o berço, a fonte originária da civilização mundial.

Em favor desta versão que, diante dos documentos conhecidos, deixa de ser uma hipótese para se tornar tese, uma lenda para ser uma realidade, citei nomes consagrados de diversos especialistas e técnicos entre os quais o abade Basseur de Bourbourg e o Sr. Dr. Krumm-Heller.

De fato, o viajante e escritor Frances, como o cientista teuto-mexicano, que viveram longo tempo na México, depois de acuradas pesquisas e meticolosos exames, conseguiram averiguar que esse complexo de idéias e hábitos, dogmas e leis, conhecimentos e crenças que evidenciam a evolução das raças, a marcha

progressiva da humanidade, através dos séculos, tiveram origem, pelo menos para os seres da quinta raça-raiz, no território americano, numa época remotíssima e muito anterior ao período de hegemonia indiana, que como se sabe, precedeu o período da hegemonia egípcia, que por sua vez, precedera o período de hegemonia Greco-romana.

O Sr. Dr. Krumm-Heller ainda foi mais longe. Afirmando interpretar inscrições rupestres, as runas atlantes, e diversos documentos arqueológicos, como símbolos Helio gnósticos, testemunhos de que o culto solar era professado por esses povos. Proclamou que “toltecas e Teulões são ramos de um mesmo tronco racial, os atlantes, e, bem assim que os Mistérios Sagrados e o próprio Cristianismo tiveram origem na América pré-colombiana.

Hoje, em confirmação a essas valiosas opiniões, aduzirei as justas e lógicas palavras de Le Plongeon notável epigrafista e arqueólogo Frances que, durante doze anos consecutivos, em companhia de sua digna esposa, se embrenhou nas matas do Yucatán, em busca dos escombros de velhas cidades mortas, em cujos templos e palácios, pirâmides e sarcófagos, ídolos, estátuas, imagens, pinturas, murais, alegorias, símbolos, inscrições e outros indícios indelévels pode coligir a formidável documentação que lhe permitiu escrever essa obra monumental de arqueologia mexicana que se chama: Os mistérios Sagrados entre os mayas e os quiches.

Conhecedor de vários idiomas antigos e americanos logrou colher elementos de auten-

ticidade absoluta, e deste modo traduzir esse antiqüíssimo tratado de geologia, o Código Troano, que escapara as fogueiras inquisitoriais dos invasores espanhóis na faina de assegurar, como diziam, o prestígio da fé entre os gentios.

Esse manuscrito que, a meu ver, permite transportar a tese em apreço dos domínios instáveis d tradição para o terreno firme da realidade histórica, é realmente um valiosíssimo documento.

Por ele ficou averiguado que o Yucatán tinha o nome de Mayax ou Mayab, vocábulo maya que significa “primeira terra firme”.

É preciso não esquecer as sábias e justas palavras de Lund e outros geólogos que lhe seguiram nas luminosas pegadas, quando baseados em prova, absolutamente científicas, afirmaram a antiguidade do continente americano.

Como é notório, o genial investigador da Lagoa Santa, estribado no fenômeno geológico, excepcionalmente observado no planalto central brasileiro, rochas características do período de transição, despidas de camadas e depósitos mais recentes e, além disto, em rigorosas posições horizontais, concluiu que o Brasil e, portanto, a América, foi o primeiro continente emerso das águas oceânicas.

Este fenômeno acrescenta o pai da geologia brasileira, não observado em outra região do planeta, mas que, apesar desta originalidade, não mereceu, ainda a necessária e devida atenção da maioria dos geólogos, quer dizer que o Brasil foi o primeiro continente a emergir do pelego universal.

Bem sei que não é cometimento fácil e rápida execução, a escalada vitoriosa da secular muralha de dogmas e sofismas, erguida na intenção de ocultar os valiosos tesouros descobertos deste lado do Atlântico, tesouro que a cúbica dos conquistadores ou invasores planejaram explorar com vantagens e lucros que a história não conseguiu dissimular.

O convencionalismo não é somente um entrave, um obstáculo a evolução humana. É também um véu e dos mais densos, a envol-

ver as irradiações da sublime verdade.

Nada mais difícil as sugestões da rotina. Raros os que se eximem aos clássicos métodos e processos, propositadamente inventados para atrofiar as faculdades de raciocínio. Raros os que escapam ao contágio mental de refletir antes de adotar opiniões alheias, sentenças, e na maioria dos casos puramente dogmáticas ou sofisticas. É raro, muito mais raro, ainda, os que embora passando por visionários e, quiçá loucos, reagem contra a fobia, o “delirium tremens” dos que se deixaram intoxicar pelos ilogismos, as hipóteses arvoadas em princípios intuitivos e axiomáticos, em verdades universais, de que o charlatanismo religioso ou científico tira, em geral, tão proveitoso partido.

Desde a divulgação, na Europa, dos Mistérios da Sabedoria Bramânica, contida nos Vedas, Maha-Bharata e outros livros sagrados do Oriente asiático, os sábios ou letrados desse tempo, no seu convencional equilíbrio da imaginação com a razão, como rezam as crônicas fossilizaram o conceito, absolutamente falso, absolutamente errôneo, de que a Ásia foi o berço, a fonte originária da Cultura Humana.

“Ex Oriente Lux!” Isto é, tudo que a humanidade sabe, emanou da China, da Índia, em suma do Oriente Asiático.

Por mais que a tradição, a história e a própria ciência demonstrem, que a América é o continente mais antigo e que os seus aborígenes foram coevos da macrofauna, que não sobreviveu ao período glacial; por mais que a geologia, a epigrafia e a arqueologia forneçam cotidianamente provas e documentos de incontestável idoneidade, os arautos do falso e errôneo conceito continuam no seu infundado e pernicioso pregão.

São notórias as justas conclusões do abade Brasseur de Bourbourg, em face das pesquisas procedidas em Anahuac, à opinião da Srs. Blawatsky, inserta na sua monumental Doutrina Secreta, as sábias deduções de Sr. Dr. Krumm-Heller, interpretando as runas atlantes, a palavra abalizada de Chaveros, ana-

lisando as pirâmides do Yucatán, as valiosas afirmativas de Spiden, assinalando a extraordinária antiguidade das raças americanas, mas nada disso é bastante para arredar o Adamastor titânico, impedindo a passagem aos que pretendem dobrar o Cabo das Tormentas.

“A Índia, o Egito, a Caldeia, a Assíria, a Babilônia e a própria Europa Antiga, proclama Le Plongeon exibindo documento de autenticidade absoluta são reflexos da inédita e original civilização maya-guiche, levada as margens do Nilo, do Eufrates e as costas do Oceano Índico, há mais de 11.500 anos, antes da nossa era, conforme se verifica da tradução do Código Troano, o precioso manuscrito encontrado no Yucatán”.

“A semelhança ou identidade dos Mistérios, em todos as partes, por mais separadas e distintas, diz ainda o notável arqueólogo e epigrafista Frances, provam que tiveram a mesma origem e foram transmitidos de homem para homem, de povo a povo, de idade a idade”.

De fato, no México, no Peru, na Índia, no Egito, na China, na Grécia, em Roma ou nas Gálias, essa semelhança ou identidade é positivamente incontestável. Crenças, conhecimentos, ritos, símbolos, leis, costumes se não são integralmente idênticos, são pelo menos, semelhantes e visam, sobretudo, a mesma finalidade.

Os brâmanes diziam-se Mestres dos Magos e dos Hierofantes Caldeus, assírios, babilônios e egípcios, mas a própria Sr. Blawatsky confessa, no seu celebre trabalho “Nas selvas e grutas do Indostão” e “que ninguém pode aventurar qualquer julgamento definitivo, sobre o assunto, a origem indiana dos conhecimentos humanos, antes de decifrar as inscrições das colunas de Purag, de Mevar e da Índia Prestha, das rochas de Junagar, Bijoli, Aravuri e dos mais antigos templos jainos, esparsos por toda a Índia, nos quais aparecem inumeráveis epigrafias num idioma completamente desconhecido.”

O Dr. Martin Haug, citado pela Mestra emi-

nente, e o mitólogo de fama universal Max Muller, referem-se a essas epigrafias, atribuindo-lhes uma antiguidade incalculável, e, sobretudo uma feição, um feito, um estilo, integralmente diverso do indiano.

Será justa e real a proposição dos brâmanes? A opinião da Sra. Blawatsky não deixa de ser, profundamente racional e criteriosa.

“Plutarco e outros autores gregos pondera o conspícuo pesquisador, que escreveram sobre os Mistérios Helênicos e conheceram os respectivos rituais, afirmam que os sacerdotes, em seu cerimonial, repetiam palavras de uma língua morta, a “acádia”, falada por um povo que, vindo do Ocidente, habitara a embocadura do Eufrates.”

Essa língua morta afirma Le Plongeon é o idioma falado pelos mayas do Yucatán e outras regiões mais próximas da península mexicana. É uma corruptela dos vocábulos mayas: “Com-ex omon panex”, que significam Vai-te estrangeiro! Retira-te!

“Os próprios egípcios, continua o erudito e criterioso pesquisador, aludem as “Terras de kuit, a terra Mãe, as Terras do Ocidente, onde moram os deuses, de modo vieram os antepassados dos egípcios e Osíris governa um povo liberto dos grilhões da matéria”.

Os egípcios, com efeito, diziam-se filhos de um povo de Ocidente, originários de uma raça vermelha, fato alegado para exaltar a excelência e a nobreza da raça egípcia.

Não poderei, certamente, condenar, nestas poucas palavras, a obra ciclópica de Le Plongeon, mas posso asseverar, como se verifica nas provas que irei aduzindo, o eminente epigrafista e arqueólogo Frances demonstra lógica e cientificamente que a América foi o berço da civilização mundial, isto é, os mayas, no fastígio da sua cultura, no acúmen da sua civilização, levaram, aos indianos e aos egípcios, as suas crenças, os seus conhecimentos, as suas leis, os seus costumes, a síntese, em suma, da sua sabedoria, testemunho incontestável da sua evolução social.

Nas selvas da América Central, cientistas modernos escavam ruínas seculares e procu-

ram decifrar um dos maiores enigmas de todos os tempos, os “Mistérios dos Mayas”.

O mistério dos maias é o mistério de uma civilização perdida. Mil anos antes de Colombo ter descoberto a América, esses aborígenes americanos haviam atingido um nível de evolução cultural, em certos pontos muito superior a nossa. E por um espaço de quinze séculos essa civilização progrediu e floresceu.

Esses americanos primitivos construíram grandes cidades, uma das quais chegou a ter uma laboriosa população de 250 a 300 mil habitantes, do tamanho, portanto de Aknon ou Houston, Texas. Erigiram, além disso, pirâmides maciças construídas de enormes blocos de pedra, alguns pesando tanto como cinquenta toneladas e no cume das mesmas levantaram templos magníficos.

Adornavam as suas estruturas com decorações e inscrições complicadas. Conheciam o concreto e a argamassa e trabalhavam e modelavam o estuque na execução de motivos ornamentais e decorativos. Construíram estradas de rodagem revestidas. E, por mais impossível que pareça, executavam tudo isto manualmente. Os maias não possuíam bestas de carga. Não conheciam explosivos. Não tinham maquinaria. Nem dispunham de ferramentas metálicas para cortar e lavar a pedra. Desconheciam, tanto quanto se poder verificar até agora, a roda, a polia ou o cabrestante. Contudo executaram obras de um valor arquitetônico igual aos e hoje em dia, se fossem realizadas, essas obras exigiriam todos os recursos dos técnicos na engenharia moderna, apesar de aparelhamento, maquinaria e dos materiais de construção de que se pode dispor na época atual.

Além da sua habilidade na arquitetura, os maias cultivavam algumas artes e profissões, e possuíam considerável conhecimento sobre algumas ciências. Eram peritos na arte de tecer e fiar e fabricavam magníficos tecidos de algodão. Tingiam os seus produtos das mais variadas cores e bordavam-nos com desenhos complicados. Possuíam uma forma de escrita e registravam a sua história por meio

de hieróglifos. Tinham, além disso, um sistema de numeração extraordinariamente exato e possuíam um conhecimento avançado das matemáticas e astronomia e empregavam um calendário baseado no ano solar. Mas apesar desses e ainda muitos outros atributos notáveis, os maias, juntamente com a sua civilização magnífica, desapareceram da superfície da terra.

A cultura maya, produto de séculos, desapareceu tão completamente como si nunca houvesse existido. A selva encaregou-se de cobrir os formidáveis templos de pedra e as pirâmides, por 300 anos escondeu os segredos dos maias. Pela segunda metade do século passado, alguns exploradores descobriram os restos das suas obras manuais, mas nenhum esforço continuado se fez depois para localizar e reconstruir essas ruínas.

Hoje, entretanto as maravilhas dessa civilização perdida estão sendo desenterradas e restauradas pouco a pouco. Esse trabalho tem prosseguido por mais de vinte anos sob a direção da Carnegie Institution de Washington, com a cooperação de outras instituições. Como resultado desses esforços, alguns dos mistérios que cercavam esse povo foram decifrados pela história compilada das ruínas dos seus templos, construções magníficas que desafiavam a ação do tempo.

Cada ruína nova, que se descobre, traz novos mistérios e argumenta a admiração e a admiração e o respeito dos arqueólogos por esse povo da antiguidade, considerado, a agora como talvez o mais brilhante dos aborígenes, que tenha existido em todas as eras.

Qual a origem dos povos maias? Muito antes do início da era cristã, um povo, ou talvez vários povos, conquanto tivessem uma língua comum, habitavam a base da península do Yucatán, na parte ocupada, agora pela Guatemala. Ocupavam-se principalmente, da agricultura, e o trigo indígena construiria a base de sua alimentação. A sua capital era Uaxactun, e dela irradiaram colônias para o território circunvizinho. (Continuará)

Gnose setembro e outubro 1937